

## PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO

*Educational psychology and university extension: possibilities of acting*

Maria José Ribeiro\*  
Sílvia Maria Cintra da Silva\*\*

**RESUMO:** *O objetivo deste trabalho é relatar algumas experiências de extensão universitária em psicologia escolar. Procuramos apresentar três possibilidades de atuação do psicólogo em diferentes contextos e que possibilitaram a prática na área educacional, buscando atender segmentos diversos da comunidade: escola, hospital e família. Envolvendo estudantes de psicologia, gerando pesquisas e principalmente contribuindo para a população atendida, reiteramos a importância da extensão universitária como um elo entre o ensino, a pesquisa e a formação de profissionais e cidadãos.*

**UNITERMOS:** *Psicologia Escolar; Extensão Universitária; Ensino Noturno; Grupo de Pais; Crianças Hospitalizadas*

**ABSTRACT:** *The aim of this paper is to describe some experiences on university extension on educational psychology. We try to present three possibilities of interference of the psychologist in different contexts which made practice in educational psychology possible, in our search to attend different segments of the community: schools, hospital and family. By using the help of psychology students, generating research and, mainly, contributing to the target population, we reinstate the importance of university extension as a link between teaching, research and the education of professional and citizens.*

**KEYWORDS:** *Educational Psychology; University Extension; Right School; Parent Groups, Hospitalized Children*

### INTRODUÇÃO

O nosso trabalho, nas diversas instâncias aqui referidas e em outras nas quais participamos, mostrou-nos a necessidade de promover o acesso a temas, teorias e práticas desenvolvidas pela psicologia. Percebemos que pais, profissionais da área de saúde, professores, pedagogos, diretores, funcionários de apoio e estudantes universitários demonstram muito interesse por essa área do conhecimento e pelo que efetivamente o psicólogo realiza: como lida com as crianças e pais, o que estuda, resultados de pesquisa, teóricos famosos, proces-

\* Mestre em Psicologia Educacional pela Universidade de Campinas e Professora Assistente 3 da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

\*\* Mestre em Psicologia Educacional pela Universidade de Campinas, doutoranda em Metodologia de Ensino pela Universidade de Campinas e Professora Assistente 3 da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

sos de desenvolvimento e aprendizagem e dúvidas relacionadas a suas vivências cotidianas.

Observamos que poucos trabalhos são desenvolvidos no sentido de uma democratização do conhecimento e raros esforços são despendidos para a integração das equipes de trabalho visando a educação da população atendida, a ampliação de suas experiências e a possibilidade de apropriarem-se de informações disponíveis nos meios educacionais, muitas vezes considerados como inatingíveis.

Desenvolvemos, assim, diversos projetos associados aos estágios em psicologia escolar, nos quais procuramos envolver o *staff* das instituições e demais funcionários, os estagiários e supervisores de psicologia escolar e os usuários do serviço oferecido. Tais projetos têm como pressuposto básico a acessibilidade à psicologia como área de conhecimento e trabalho. Por meio de grupos de estudos e discussões, palestras, dinâmicas de grupo, atividades recreativo-culturais, etc., promovemos a disseminação de práticas e estudos relacionados à psicologia. Ao contrário do que muitos supõem, as pessoas, de modo geral, interessam-se pelo nosso corpo de estudos não apenas compreendendo-o, mas criticando-o e transformando-o de acordo com suas próprias crenças e valores, enriquecendo, portanto, o próprio conhecimento da psicologia.

Esse trabalho tem sido gratificante porque possibilita um exercício constante no processo de formação dos psicólogos escolares na medida em que exige uma conscientização sobre os aspectos políticos de sua atuação, assim como uma instrumentalização específica em psicologia e a capacidade de traduzir ambas em uma prática profissional voltada para a demanda de serviços dessa área.

A seguir, discorreremos brevemente sobre as experiências envolvendo famílias de crianças com queixas escolares, crianças em situação de hospitalização e ensino noturno de uma escola pública.

### **Grupos informativos para pais de crianças com dificuldades de aprendizagem**

Organizou-se um modelo de atendimento psico-educacional para crianças que fracassaram no início do processo de escolarização formal, devido à expressiva demanda da clínica-escola do curso de Psicologia para atendimento de crianças com queixas escolares.

Um grupo de docentes da área de Psicologia Escolar/Educacional implantou um serviço visando o atendimento de parte dessa clientela, associando-o ao ensino e à pesquisa. Tal serviço denomina-se Grupos de Desenvolvimento e Aprendizagem (GDA) e atende crianças carentes e com insucesso escolar, com idades entre 7 e 12 anos, desenvolvendo atividades em grupos de até seis crianças. Essas atividades procuram incidir sobre aspectos cognitivos e afetivos das mesmas, procurando a promoção do seu desenvolvimento por meio de experiências de aprendizagem.

Entendendo que a compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem não se restringe apenas ao indivíduo portador do “problema”, concebemos uma dinâmica de trabalho dirigida aos pais ou responsáveis pelas crianças.

Considerando que um dos principais objetivos a serem atingidos com as crianças refere-se a (re)inseri-las num processo de aprendizagem, no qual as tentativas de acerto

sejam incentivadas, os erros tomados como antesala do conhecimento, as informações como catalisadoras de novas investigações, num ambiente afetivamente promissor, pensamos que somente a vivência desse tipo de situação pode realmente ser transformadora.

Propusemos, então, como uma das metas do GDA, oferecer aos pais a possibilidade de participarem de um grupo com a mesma concepção daquele oferecido a suas crianças. Acreditamos que dessa forma os pais poderiam inserir-se num processo de aprendizagem e desenvolvimento que beneficiaria a eles próprios e conseqüentemente aos seus filhos, na medida em que tivessem elementos para abstrair sobre os processos determinantes do fracasso destes e serem instrumentalizados para contribuir para sua superação.

Os grupos de pais ou responsáveis foram organizados com freqüência semanal, com duração de uma hora e trinta minutos, durante o ano letivo. É importante destacar que a participação nos grupos não era obrigatória; entretanto, na ocasião da entrevista devolutiva do processo avaliativo da criança, explicou-se aos pais o objetivo do trabalho e os possíveis ganhos de sua participação no mesmo. Procurou-se organizar os grupos em dia e horário em que as crianças eram atendidas, como forma de facilitar a freqüência da família.

Os encontros eram planejados utilizando-se uma dinâmica que, num primeiro momento, despertasse o interesse dos pais pelo assunto abordado; seguia-se uma discussão aberta, incentivando-se a troca de experiências pessoais, pontos de vista, questionamentos, etc. Por último, trabalhava-se de forma mais sistematizada, previamente preparada, com conteúdos específicos da Psicologia.

Sugerimos alguns temas dessa área que poderiam ser abordados e propiciamos condições para que os próprios pais escolhessem outros de sua preferência.

Destacamos, a seguir, alguns temas trabalhados: Concepções sobre desenvolvimento e aprendizagem: inatismo, ambientalismo e interacionismo; Explicações ideológicas acerca do fracasso escolar; Processos de construção da leitura e da escrita; A criança e o número; Contribuições dos pais nas tarefas escolares; Disciplina e castigo - a questão dos limites; Agressividade; Reflexões sobre o conceito de normalidade aplicado ao comportamento da criança; Uma visão crítica das medidas de inteligência.

Para desenvolver tais temas utilizamos, no início dos encontros, dramatizações, filmes, cartazes, jogos, músicas, etc., que funcionavam como "aquecimento" para o debate que viria em seguida. Nesse momento, o psicólogo atuava como coordenador, procurando o envolvimento de todos no assunto, a livre expressão de opiniões, o enriquecimento na troca de vivências, o contato com modelos de educação diversos e a negociação das regras de convivência no próprio grupo.

Após esse momento, focalizavam-se as informações teóricas propriamente ditas, procurando relacioná-las ao debate anterior e abordá-las academicamente, com material apropriado, visando democratizar os conteúdos desenvolvidos pela Psicologia.

Ao final do trabalho, realizamos uma avaliação em grupo e uma individual, com cada um dos participantes, anotando os diversos ganhos relatados: maior compreensão do processo de desenvolvimento de seus filhos; ampliação na compreensão dos fatores envolvidos no fracasso escolar; maiores informações sobre formas concretas de ajudar na aprendizagem das crianças; reconhecimento da sua importância afetiva no crescimento de seus filhos; apoio nos questionamentos acerca dos procedimentos escolares e novas formas de posicionamento

frente aos mesmos; troca de experiências entre dinâmicas familiares distintas; possibilidade de verem-se também como aprendizes.

Avaliamos de forma muito positiva essa experiência, concordando com os aspectos acima apontados e pensando sobre um motivo de inquietações iniciais. Referimo-nos aos diversos autores que embasaram nossas discussões teóricas junto aos pais. Será que pais com baixa escolarização teriam interesse por conteúdos familiares trabalhados por alunos de psicologia? Conseguiríamos fazer-nos entender?

Percebemos tranquilidade no trato de questões teóricas supostamente complexas e constatamos que, quando os pais passam a olhar de maneira mais ampla (e por que não dizer, renovada) para seus filhos, esse olhar pode gerar uma nova compreensão sobre o que estaria acontecendo com eles, bem como sobre expectativas irrealistas ou preconceituosas que porventura estivessem depositando neles.

Um outro objetivo que alcançamos foi propiciar a reflexão sobre a responsabilidade da escola na educação dos alunos e a sua própria importância na vida dos filhos como um todo. É fundamental que os pais possam ver-se e a seus filhos como pessoas em processo de desenvolvimento e aprendizagem.

### **Atuação do psicólogo educacional em contexto hospitalar**

A proposta deste projeto foi promover a atuação do psicólogo educacional em contexto hospitalar desenvolvendo um trabalho educacional em outras instituições, além da tipicamente escolar, onde podem ser realizados trabalhos na área de educação.

Em situação de internamento, a criança encontra-se isolada do contato com companheiros e adultos e ocorre um distanciamento de muitas atividades que operam nas esferas de promoção de desenvolvimento. São interrompidas as brincadeiras e a instrução escolar e os adultos que estão a sua volta, na instituição, encontram-se, via de regra, por demais envolvidos em seus afazeres para voltarem-se para essas necessidades infantis. O contato com outras crianças não é incentivado. Além disso, as condições ambientais e físicas dificultam interações que, em outros contextos, ocorrem normalmente.

Quando a criança é hospitalizada, já passou por uma infinidade de aprendizagens. Traz consigo toda a carga cultural que o seu meio lhe proporcionou. E, muitas vezes, as condições adversas da vida acabam instrumentalizando as crianças para vencer a dura realidade que, desde cedo, aprendem a enfrentar. Durante a hospitalização, todo o cenário em que vinha ocorrendo sua vida altera-se drasticamente. Mudam as pessoas, as atividades, o ambiente, tudo enfim. E a alteração é radical. Pouquíssimos elementos de sua vida anterior ao internamento são preservados. É claro que nesse ambiente a criança continua aprendendo e se desenvolvendo. Ela permanece num ambiente social, em contato com pessoas que interagem com ela. É submetida a novas experiências e está, enfim, vivendo. O que podemos discutir é a qualidade das experiências que estão sendo oferecidas ao paciente e a repercussão delas no seu desenvolvimento.

Nesse trabalho, não visamos que as crianças aprendam conteúdos escolares como forma de “reforço escolar”. Procuramos recuperar com elas parte do fluxo normal da vida

que vinham tendo (e até acrescentar outras oportunidades, quando possível), acreditando que o internamento não precisa, necessariamente, barrar esse fluxo. Também não estamos com os pacientes para negar sua condição de hospitalização, fazendo de conta que nada esteja acontecendo e que a oportunidade de elas poderem aprender e brincar automaticamente solucionará as dificuldades que têm para enfrentar.

A instituição hospitalar não tem tido como prioridade aliar-se a situações que estimulem o lado saudável dos pacientes. Esquece-se de que a vida é a maior aliada do trabalho que procura realizar.

Trabalhar com grupos de crianças hospitalizadas implica reconhecer o processo de desenvolvimento que a criança venha realizando, respeitar os limites do mesmo, organizar e promover constantemente interações que atuem no seu desenvolvimento. Oferecer, enfim, condições concretas para que suscite atividades produtivas no sujeito. Para tanto, devem ser promovidas interações que tornem a convivência das crianças entre si e com os adultos uma experiência enriquecedora para seu desenvolvimento psicológico.

Esse trabalho, desenvolvido por estagiários do curso de Psicologia, teve os seguintes objetivos:

- participação no planejamento de atividades psico-educacionais para crianças hospitalizadas;
- atendimento individual e/ou em grupos de crianças internadas em enfermaria pediátrica, visando viabilizar experiências de aprendizagem dentro do ambiente do hospital, sendo o psicólogo o mediador dessa aprendizagem;
- estudo de aspectos teóricos relacionados ao desenvolvimento, à aprendizagem e à atuação do psicólogo em contexto hospitalar;
- participação em um trabalho interdisciplinar, envolvendo aprendizagem para convivência com profissionais de diversas áreas que atuam na instituição hospitalar;
- contato com pais, quando necessário;
- participação em reuniões de equipe de enfermaria pediátrica e colaboração na formação de funcionários do setor, quando houver solicitação;
- supervisão com a coordenadora do estágio.

### **O ensino noturno na escola pública: possibilidades de atuação do psicólogo escolar**

Este trabalho é o relato de um projeto de extensão universitária e de estágio supervisionado em psicologia escolar, no ensino noturno de uma escola pública, iniciado com a solicitação, feita por uma escola estadual do Ensino Fundamental e Médio da cidade de Uberlândia, dos serviços do curso de Psicologia da Universidade Federal. Direção e professores queixavam-se de que os alunos das 6<sup>as</sup> séries do período noturno eram “muito agressivos” e os docentes não estavam conseguindo “nem entrar na sala de aula”.

Inicialmente, um grupo de seis estagiárias realizou uma avaliação da instituição, através de observações nas cinco 6<sup>as</sup> séries, em horários e disciplinas variadas, entrevistas com a direção, com todos os professores dessas salas, bem como com alguns alunos. A partir das

informações coletadas, destacou-se o fato de que os alunos mostravam-se agressivos, mas esse comportamento era apenas uma reação à maneira pela qual eram tratados por alguns professores e pela diretora do período noturno. Em uma reunião entre estagiárias, supervisora, professores, diretora e orientadora pedagógica, foram explicitados os pontos acima levantados e destacou-se a necessidade do desenvolvimento de um trabalho de formação continuada junto aos professores e de grupos informativos com os alunos das 6<sup>as</sup> séries. Nas reuniões semanais com os professores que quiseram participar (a frequência não era obrigatória), procurou-se focalizar sentimentos, percepções e comportamentos em relação aos alunos, bem como fazer uma reflexão sobre o papel do educador, a escolha profissional de cada um e o relacionamento com os colegas de trabalho.

Nos grupos informativos, procurou-se destacar a importância do trabalho em equipe e o relacionamento interpessoal, a partir de temas trazidos pelos próprios alunos. Todos esses encontros ocorreram concomitantemente, isto é, os grupos de docentes e alunos se reuniam semanalmente, no mesmo dia e horário.

Um outro serviço organizado na escola foi o “plantão”, de frequência também semanal, e que teve como objetivo fornecer aconselhamento e encaminhamentos que se fizessem necessários, como para psicoterapia, grupo de apoio a drogadictos, etc.

No início do ano seguinte verificou-se, após uma entrevista com a diretora e a orientadora pedagógica, que outros serviços poderiam ser oferecidos, como orientação sexual e profissional, expansão dos grupos informativos para alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries e encontros de pais, dando continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido.

No final desse segundo ano na escola, nova avaliação foi realizada junto às pessoas envolvidas no estágio e novamente foi destacada a importância da atuação do psicólogo. Salientamos, na oportunidade, que o trabalho só havia sido possível porque as pessoas se dispuseram a acreditar nele. Outro ponto importante foi a concessão feita pela direção em ceder horários de aula para que os serviços pudessem ser realizados, já que a grande maioria dos alunos, por trabalhar durante o dia, não poderia comparecer em outros horários ou dias.

Percebemos que as relações entre professores e alunos tornaram-se menos agressivas; houve um início de envolvimento maior dos professores entre si e com a própria escola. Observou-se uma maior compreensão quanto ao papel do psicólogo escolar, não apenas por parte da escola, mas também dos próprios estagiários. Estes foram envolvendo-se progressivamente com o trabalho, comprovando que há muito para ser feito dentro das escolas. O trabalho com os educadores pode ter um caráter preventivo em relação ao insucesso escolar, ao propiciar-lhes a possibilidade de um outro olhar sobre os alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos que aqui apresentamos ilustram alternativas de práticas em psicologia escolar que buscam uma integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária. A história da psicologia nos mostra como essa área do conhecimento tem servido para a cientificação de questões ideológicas e como a formação do psicólogo é precária, no sentido de não situar devidamente o homem como um ser histórico, determinado nas e pelas condições

sociais. Ao profissional da área de psicologia escolar é absolutamente necessária uma compreensão dos determinantes contextuais que geram e mantêm as relações interpessoais, o estabelecimento das relações de trabalho, a formação de vínculos e propostas que possam enriquecer a convivência humana. Orientadas por essa concepção, temos procurado desenvolver um trabalho em psicologia escolar voltado para a formação de futuros psicólogos escolares procurando vislumbrar as contribuições que a psicologia do desenvolvimento, aprendizagem, personalidade, a psicanálise e outras subáreas têm oferecido para a construção de uma prática que se aproxime da realidade da nossa população e democratize os conhecimentos construídos na universidade, sendo a extensão universitária uma possibilidade preciosa de viabilizar o acesso à produção universitária e a interação com a comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUON, B. & ESSLE, C. & STOEBER, I. S. *Reunião de pais: sofrimento ou prazer?* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- ANAIS DO II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR. ABRAPEE/PUCCAMP, 1994
- BOCK, A. M. B. et al. *A escolha profissional em questão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- MACHADO, A. M. & SOUZA, M. P. R. *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- RIBEIRO, M. J. *Implantação de um serviço recreativo-educacional em enfermaria pediátrica*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1993, Dissertação de Mestrado